

Editorial

Pesado ajuste fiscal com um teto para os gastos primários do governo estipulado por 20 anos, contrarreforma da previdência em tramitação, golpe de estado recente e um reacionarismo que se insinua com a abertura característica de momentos de exacerbada crise social (para ficarmos apenas no âmbito nacional). Nesse difícil contexto de ferozes ataques à classe trabalhadora, vem a público o novo número da Revista *Marx e o Marxismo* que o leitor encontra, como sempre, em tela, livre de restrições ou cobranças.

Em tais condições, é certo, tarefas urgentes assumem posto privilegiado na agenda daqueles que lutam por uma forma de vida livre do jugo do capital, seus limites ao desenvolvimento humano e suas consequências devastadoras. Se estas tarefas, também é certo, pressupõem a compreensão de tão complexas condições, é no contínuo debate intelectual que a intervenção marxista, que tem por *telos* a emancipação humana do constrangimento instaurado pela compulsão do valor em expansão, ganha corpo. Fiel aos princípios que fundam o Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo, a Revista *Marx e o Marxismo* segue, e seguirá enquanto existir, divulgando o debate teórico rigoroso e franco que sabe de sua orgânica vinculação às lutas de classes.

Sem qualquer tipo de censura prévia às diversas correntes teóricas e partidárias que compõem o amplo espectro do pensamento marxista hoje. Mais (muito mais) preocupados com o progressivo desenvolvimento da compreensão dos processos reais que conformam o nosso mundo, do que com avaliações externas de agências do governo, para as quais basta a unilateralidade fria de índices quantitativos. Sem descuido com o rigor acadêmico, mas almejando ultrapassar os muros surdos da universidade: apresentamos, orgulhosamente, os textos que compõem o número 7 do quarto volume da *Marx e o Marxismo*.

Elcemir Paço Cunha abre este número da revista com uma instigante discussão sobre a concepção de Estado em Marx. Mais especificamente, contesta-se a conhecida tese segundo a qual Marx possuiria uma concepção restrita de Estado, isto é, seus aparelhos restringir-se-iam às funções de coerção para defender os interesses das classes dominantes. O autor sustenta que há em Marx um “movimento real da forma política”, que comporta diferentes formas de atuação do Estado.

Na sequência, a sorte dos estudos sobre partidos políticos é analisada criticamente por Marcio Lauria Monteiro. Concentrando-se nos partidos de orientação proletária, faz um balanço do desenvolvimento das abordagens sobre este objeto de estudo desde a chamada “história do movimento operário”, passando pela emergência do campo “História do Trabalho”, até a atual dominância da “Nova História Política”, cujos pressupostos teóricos culturalistas são postos à crítica.

São dois os artigos desta edição que contemplam questões relacionadas ao feminismo. Thaiz Carvalho Senna traça um panorama sobre a forma como a questão foi abordada na União Soviética, onde, como se sabe, avanços significativos foram feitos no que diz respeito à luta feminista, ao ponto de o governo estalinista ter declarado, muito precipitadamente, a resolução completa de suas pautas. Com olhos na questão feminina no mundo ocidental atual, a autora analisa criticamente tais desenvolvimentos na experiência soviética. Em seguida, Danielle Jardim da Silva localiza em termos teóricos a opressão das mulheres a partir de alguns dos aspectos fundamentais do modo de produção capitalista – a saber: a produção de valor e a reprodução da força de trabalho. A hipótese levantada pela autora é a de que a separação entre produção e reprodução no capitalismo gera uma dependência estrita entre estas esferas e, ao longo do artigo, analisa diversas formas pelas quais o capitalismo se apropria das desigualdades de gênero, assim como as produz.

Em seguida, Marcelo Dias Carcanholo nos brinda com uma análise crítica à reinterpretação da teoria do valor feita por Moishe Postone. O autor destaca, em particular, dois aspectos: o tratamento dado por Postone ao papel da ciência e da tecnologia na teoria do valor; e a forma como seu esforço por “reinterpretar Marx” incide sobre suas considerações acerca da relação entre capital e trabalho. No que diz respeito a esta última questão, Marcelo Dias Carcanholo aponta como os argumentos de Postone desembocam em uma incompreensão das consequências políticas da teoria marxiana.

Resgatando a categoria do “exterminismo”, cunhada por E. P. Thompson na década de 1980, Juceli Aparecida Silva demonstra sua relevância para a interpretação do acidente nuclear ocorrido na cidade de Fukushima, no Japão, em 2011. A autora ressalta a antiga preocupação de Thompson com o uso de energia nuclear enquanto tecnologia que pode levar ao próprio extermínio da espécie humana.

O último artigo deste número da revista é da lavra de Eleutério Prado e tem por título “Equilíbrio como fundamento ou como fenômeno emergente?”. O autor aborda os dois grandes grupos de teorias que, ao longo da história, objetivaram compreender o sistema econômico do capital, o seu modo de existir e seu movimento próprio, reconhecendo-os não apenas como opostos, mas antípodas. O primeiro grupo é constituído pelas teorias que postulam a harmonia e

parecem priorizar, sem explicitar tal preferência, a função valorativa do conhecimento em detrimento de sua função explanatória; o segundo é composto por aquelas que visam explicar cientificamente o modo de ser, funcionar e de evolver do mundo real, considerando sua desarmonia constitutiva, mas sem sucumbir a esse fato – isto é, trazem consigo uma crítica ao capitalismo enquanto sistema internamente fraturado e que não é nem pode vir a ser perene.

Na seção **Luta e Memória**, publicamos a tradução, na íntegra, do *Memorando Powell*, realizada por Henrique Pereira Braga, que também assina uma apresentação ao documento. Redigido, em agosto de 1971, pelo advogado Lewis Powell (que viria a se tornar, naquele mesmo ano, juiz da suprema corte dos EUA). Destinado à Câmara de Comércio dos Estados Unidos, propõe diversas medidas para fazer frente ao “amplo ataque” – oriundo seja da esquerda socialista, seja dos liberais (no sentido estadunidense do termo) – sofrido pelo sistema econômico americano à época. A seção conta ainda com uma introdução, de autoria de Rejane Hoeveler, que busca esclarecer o contexto histórico de produção do memorando e as referências a indivíduos, entidades e acontecimentos relatados nele, assim como situá-lo na longa história da organização da classe empresarial no país mais poderoso do mundo.

O NIEP-Marx agradece ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro para a preparação desta edição.

Desejamos, a todas e todos, uma ótima leitura!

Os editores